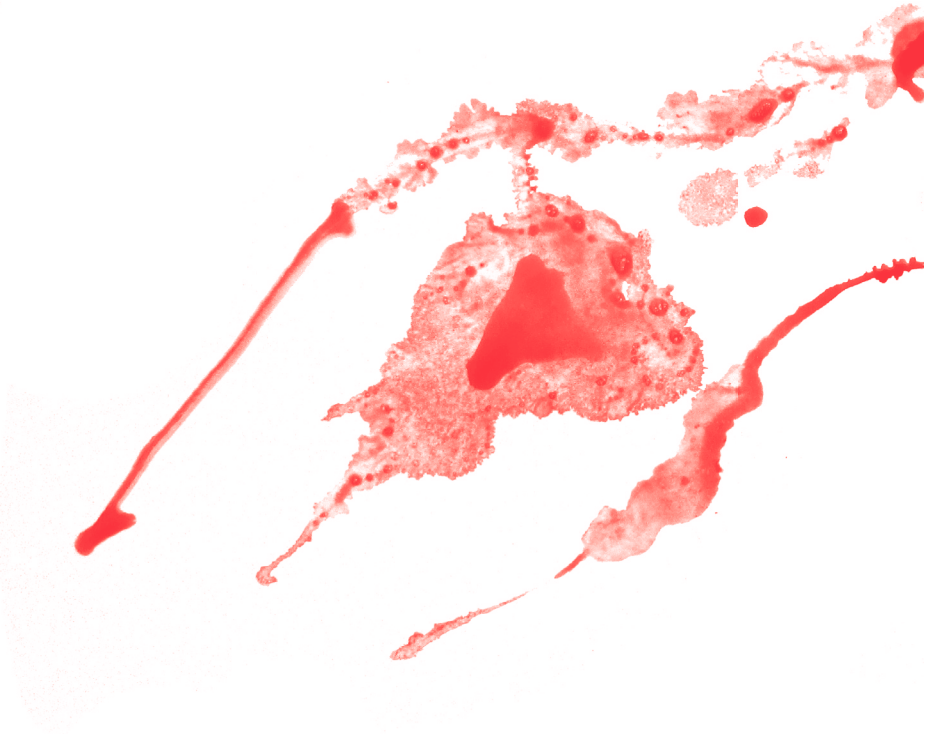
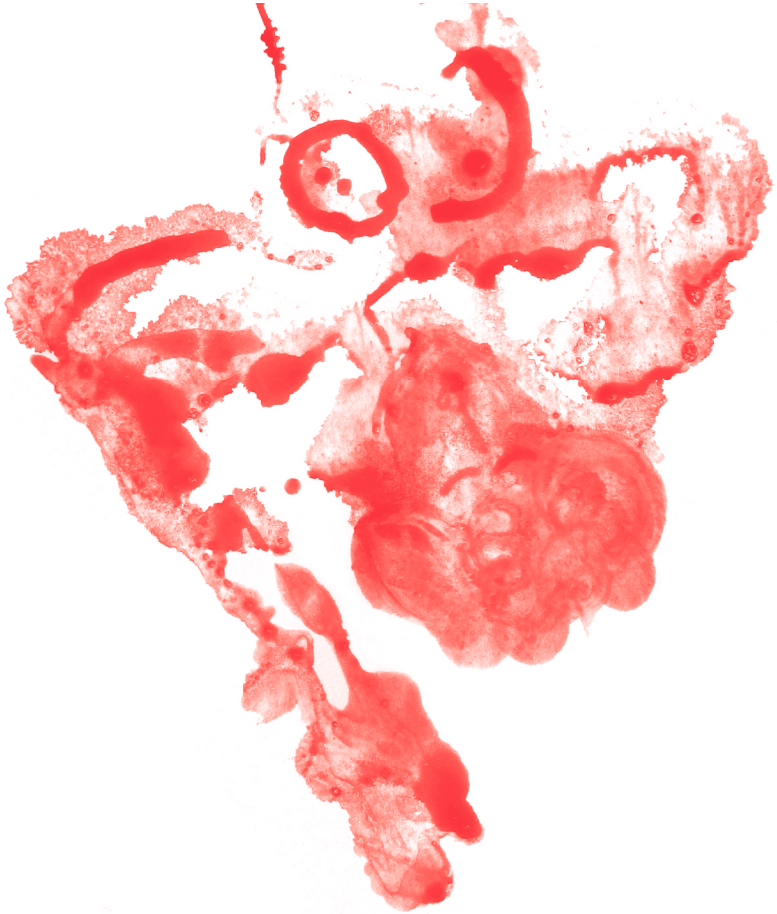
PURA,
PUXA,
PUTA
— POESIA!

PURA, PUXA, PUTA – POESIA!

ANABELLE LOIVOS

MOINHOS





APRESENTAÇÃO

ÁRDUOFÍCIO

ANTONIO JARDIM

Pura, puxa, puta: poesia!. Apresentar poesia é um ofício árduo. Precisa ser buscada e encontrada a coisa mais difícil que se é capaz de encontrar – a densidade daquilo que é próprio ao poeta e à sua poesia, o seu árduofício. Sempre se estabelece uma questão – o que é o poético, isto põe: o desde, desde que lugar se presentifica a poesia. O desde não é um sujeito, uma pessoa, muito menos um sujeito gramatical. Certamente não! É uma proveniência. A proveniência de um poema é um dimensionamento desde o próprio e que se articula como concrescer concreto e constante. Não é uma experiência da persona, da máscara, não! É uma vigência e vigor do real fazer-se, ser e permitir-se como sua *poiesis*, como seu fazer-se.

Poesia é um fazer-se, um dar-se, um mostrar-se espaço-temporal *sine qua non* nada. *Sine qua non* tudo. *Sine qua non* real se mostrando presente, participação de presença se des-realizando, quer dizer – se desfazendo em presença. Nunca suprimindo o real, mas afirmando-o em cada negação tentada. Essa negação tentada é um fazer-se denso, é uma densidade convocada, chamada para vir realizando-se e des-realizando-se a cada vez.

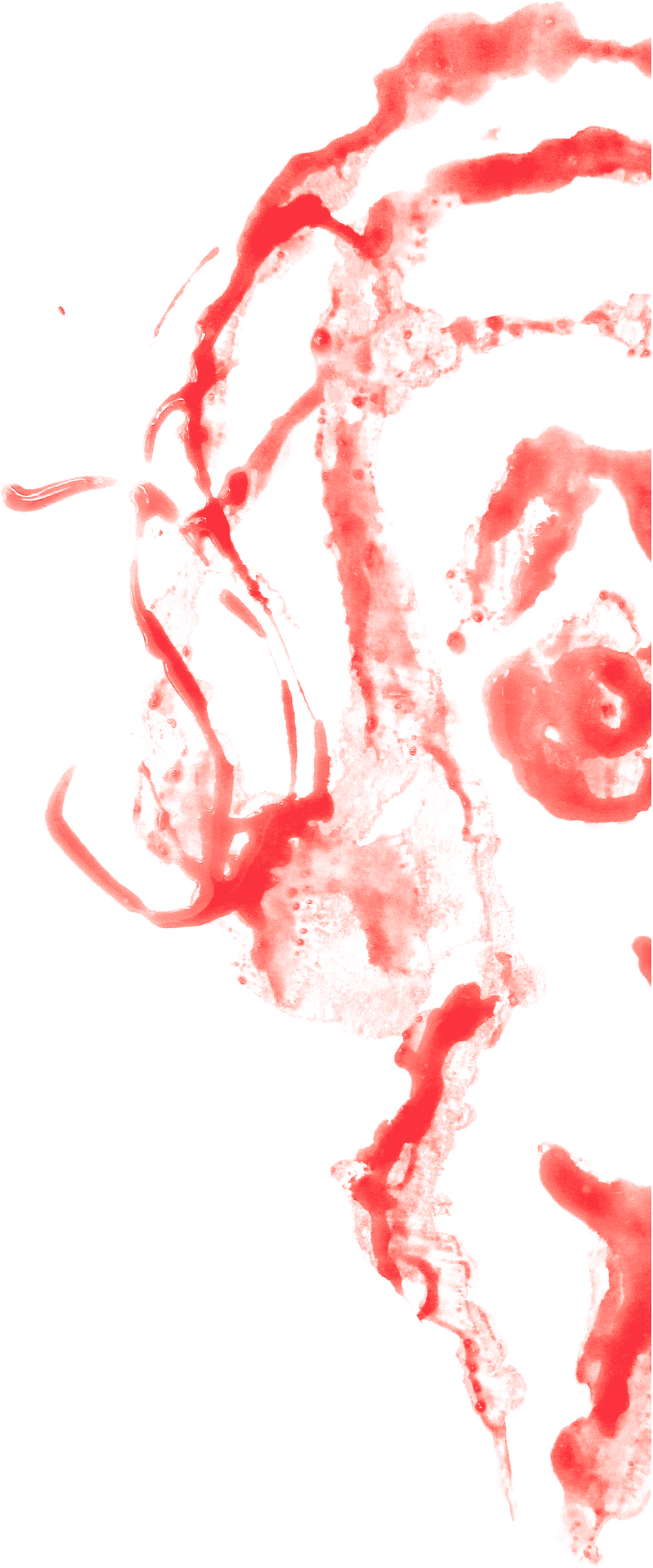
A poesia não é do homem, é no humano. É uma convocação que se manifesta concretamente na convocação que cada um faz, nunca desde si, mas consigo. O modo como cada ser – humano ou não – reage a essa convocação é o limiar do próprio que cada um pode ser não enquanto um indiviso, nunca como um indivíduo, mas como um próprio.

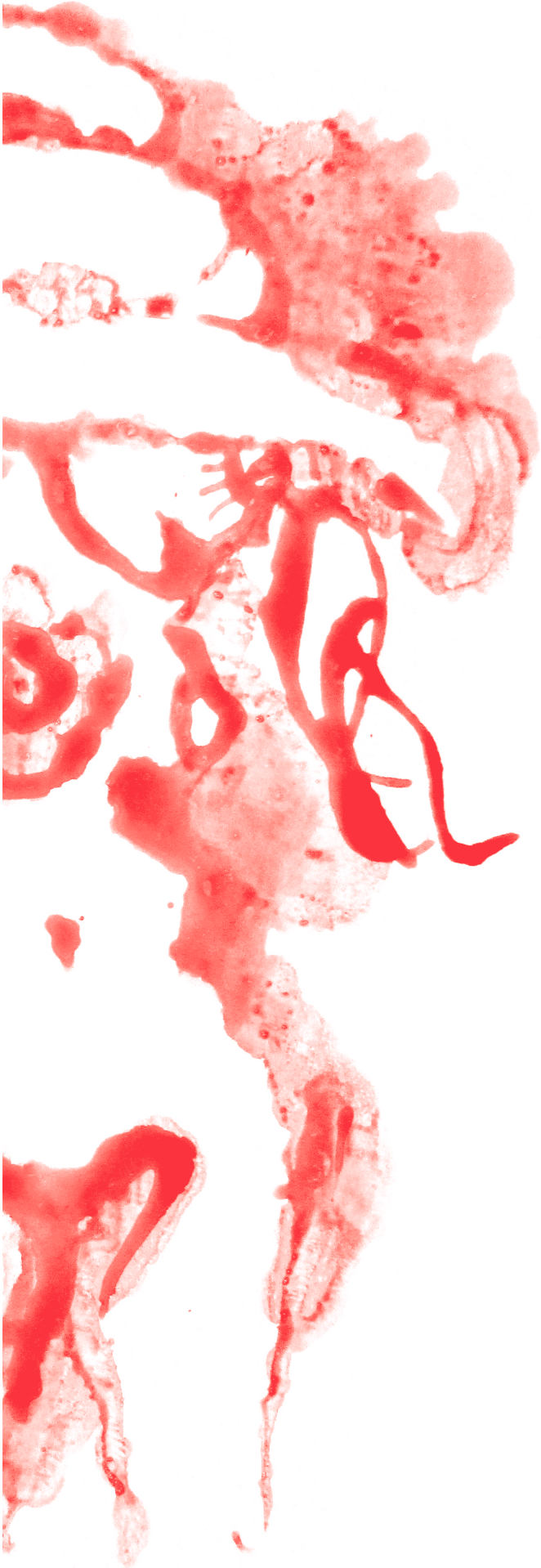
E o poeta? Alguém perguntará. E a poeta? Retornará a pergunta. Por vício moderno, queremos saber os quens para tentar entendê-los ou simplesmente para nos imiscuirmos em sua vida privada-pública. Não é digno da poesia prestar testemunhos, nem enviar mensagens de boa ou de má vontade a homens de má ou boa vontade. Não, poesia não é mensagem e o poeta não é um moleque de recados, como já nos advertiu um pensador. Não! Difícil defender esta posição. Mas esta posição não tem defesa, nem dela necessita. Acostumei-me a dizer que o mais vas-

to autor da história é o Anônimo. Figura magistral com contribuições em todas as áreas do conhecimento (e do desconhecimento não menos), o Anônimo é a condição de qualquer discurso. Será que estamos dizendo que o Anônimo não existe? Absolutamente! Ele é que existe em cada poema que nos chega. A poesia não é um testemunho, eu insisto, mesmo onde ela parece trazer um testemunho. Um testemunho não necessita ser poético. Enquanto testemunho, um testemunho trabalha com a veracidade e a certeza. Um testemunho, para ter valor, precisa ser certo, veraz, mas não necessariamente verdadeiro. Já num poema essa questão não se coloca, pois todo poema é verdade manifesta. A nenhum de nós ocorreria dizer de um poema que ele mente. Jamais! Um poema não é testemunha, é um vigor da presença do real em nós poetas que fazemos ou simplesmente apreciamos poesia. A poesia é manifestamente a densidade do próprio.

Quando alguém, como Anabelle Loivos, escreve um livro de poesias, esse alguém faz vigorar algo que vigora como real próprio, a própria *res*, a própria coisa posta – a res-posta. *Pura, puxa, puta – poesia!* faz eclodir verdade. Uma verdade que não empenha nem demanda qualquer espécie de prova – sua prova é seu vigor. Vigor de asas suspensas, vigor de medo e paixão, vigor de vielas com escarro de sangue, do pio de pássaros, de gemer de espanto, de vinte e nove vinténs e palavras caídas no chão, da sodomia chula e puta premida com dor e sem saída, do subtrair sonhos e esmagar humores, esmagar rumores da gata que se lama da mesma lama de que é feita sãmente louca, deslizando do alto da montanha, dos abismos e dos abissos, de onde seja. Se o poeta diz "penso poesia", diz do cuidado e de sua forma de cuidar e esse cuidar é um escrever e inscrever com a boca e com as pernas, cuida de nós e do que nunca seremos, somos o salto louco do eu e do outro, con-siderados desejos, que se desejos estão no aguardo do verbo e no retardo de uma bomba muda, passado e presente sem fim, na eviternidade de um poema que é todos e não é nenhum, paz não cabe, paz não sabe, paz des-gosto, poesia.

A vocação de fazer acontecer o real ao modo da poesia, desde um fazer-se que sempre se fez e fará, é o sentido da musa feita memória. Em *Pura, puxa, puta – poesia!*, a poesia se dá, dá-se sem mais, sem aquém e sem além, só dá-se – poesia. Assim é. Assim o ser deu-se, dá-se e dar-se-á. Poesia transborda, poesia além da borda, poesia além da margem e desde a margem. Visceralidade. Aqui o ser é musa da musa – quer dizer: a poesia se dá no nome – Anabelle Loivos.





O HOMEM

O homem que primeiro
me consumiu
tinha um ABC de trovas
no seu véu palatino.

Nunca poderei saber
se tinham os versos gosto
se em reverso eram vãos.

O homem que primeiro
me consumiu
me abocanhou
como o sonho do feijão.

DESCOBRIMENTO

Não foram as pernas
abrindo-se a reboque.
Primeiro foram os ouvidos
fendas por onde entram
todas as salivas
todos os ósculos.

Depois, a curva rendada
dos seios
mentiras ousadas.

Por fim, a mancha preta
púbis ainda sem marca.

E a mão escorregou pra
dentro e a língua disse
eu entro.

VOCÊ NÃO DIZ

Você não diz
e já nem pode tentar
que o coração pensa em coisas
que doravante só grito.

Você não escuta porque dói
e sangra balança medeia
tanta pança e pouca finta
a gente se descola inimagina.

A questão meu bem está posta
Sopro tela mão casa bosta
Anos verdes pernas pra que te quero
Húmus *sunset* chorumelas
Haverá. Apesar do que
você não diz.
Você não escuta.

ENSINANÇAS

Não se pode recolher a mão destra
que ensinou o traçado de um futuro possível
na curva sinistra de uma contraordem carcomida

Não é possível mãos e sonhos e lutas imaginar
algemados na trincheira da violência
e tantos beabás ainda por alentar

Não faz sentido fazer arder os olhos e a boca
de quem abriu de chofre olhares
e entoou versos de afeto e liberdade

Não se podem compreender invasões bárbaras
em tempos de partilha e de redes
– nada escapa ao siso sereno da palavramundo

Não se pode esperar dos mestres abandono
não foram eles os batedores
mas são eles os famigerados

São eles que têm fome de justiça
e fomentam o justo crescer junto de cada dia
pra cada dia nascer feliz

Braços, vozes, afetos e senões
vão gravados no estandarte, canto sáfico
de reencantar memórias e utopias

Segue, mestre, seu direito à aurora
que a vida é leve, breve a brisa da história
e caminha solto feito os pássaros para onde, para onde

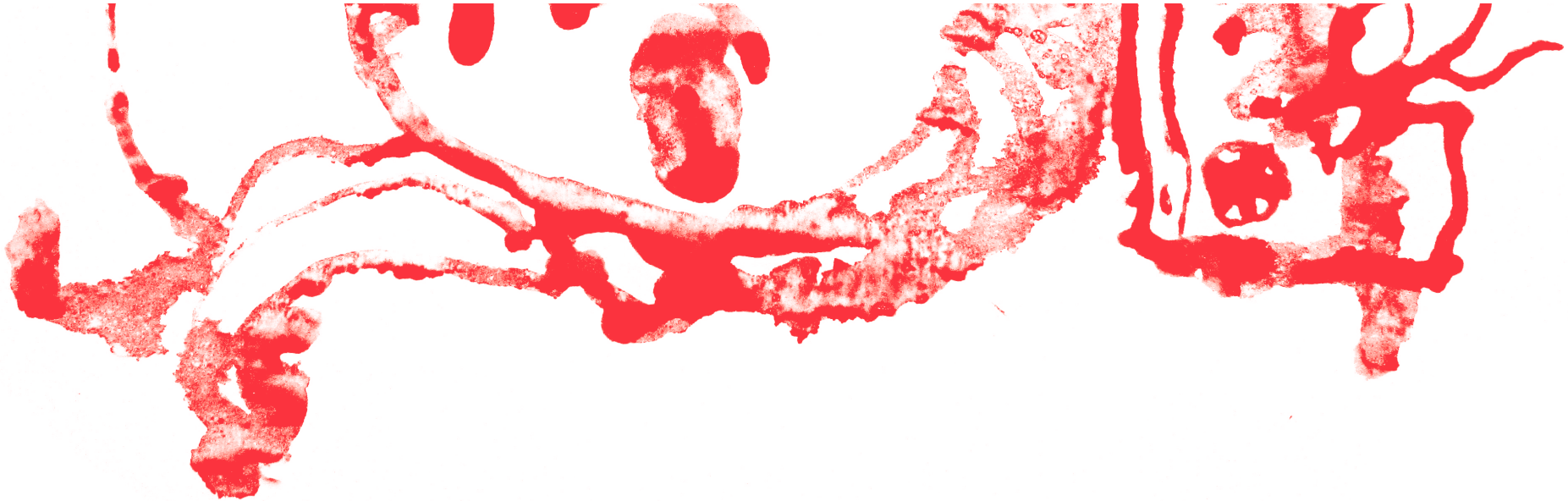
TRISTEZA DE DÓ, DE SER, DE MÓ

mó
substantivo feminino
1. Pedra pesada e redonda para moinho ou lagar.
2 Pedra em que se amolam instrumentos cortantes ou perfurantes.
3 [Portugal: Beira, Trás-os-Montes] Dente queixal.
4 [Regionalismo] Grande quantidade; grande ajuntamento.

fazer mó
• Fazer com que a boiada descreva espiral, para tomar em seguida a direção desejada.

AMANHÃ

16
Sábado do ano da graça de 2013
Não tomaremos o café da tarde juntas.
Nem ao menos conversaremos sobre as
trivialidades da mornidão cantagalense.
Não provaremos aquele doce para comer de colher
nem nos encantaremos com as brincadeiras
rodeantes da menina filha e bisneta.
Não nos aproximaremos daquele modo
enviesado de segurar as mãos
nem comentaremos a chatice das novelas globais.
Não reclamaremos do calor, muito menos da friagem.
Não ficaremos nos olhando como se
nada estivesse acontecendo
além dos múltiplos silêncios da velhice.
Não ensejaremos planos para o aniversário
na aurora de dezembro
muito menos para o natal que sempre vem, sempre vem.
Não estaremos atreladas às imagens da casa avoterna
plantada entrementes na memória dos filhos
e netos, entre carinhos e praguejos.
Não nos sentaremos à varanda, vendo uma lua
enorme, cheirando tempero de horta.
Não falaremos sobre as roupas das moças,
sobre o perigo das cidades grandes.
Não rezaremos a ladainha de maio nem receberemos
o corpo e o sangue de jesuscritinho
que desceu dos céus e te disse: vai ser filha de maria na vida.
Não ousaremos falar certos nomes, não nos
permitiremos entregar certos segredos.
Não ouviremos o sino da igreja tocando
às 10 da noite, hora de dormir.
Não nos diremos, quase trocando sílabas:
vai com deus, fica com ele.
Estaremos lívidas, estaremos pálidas, estaremos mortas amanhã.
É inevitável que estejamos.
É maravilhoso que possamos sabê-lo.
Um gosto a café com leite e pão gravado
no palato, e é só o que teremos.
E é tudo o que podemos contra a mão do insondável.
Amanhã continuaremos a ser avó e neta
provando e vendo como é bom.
E ai dos ventos e do esquecimento que
se indispuserem contra nós
e contra nossa estranha mania
de beber café e esquecer.
De chorar e de rir.
De calar no conversê.



NA RETICÊNCIA DE UM OLÁ

Amanhã, quando eu acordar
Vou tomar meu banho
Me depilar
E me perfumar
Como se fosse ao encontro do próprio Midas
E Midas
Não estará lá
Será apenas um retrato oco
Dentro da mala em trânsito
Que vai do tempo ao não
Se Midas lá estiver
Ele escarrará na minha cara
Beijará minhas mãos frígias
E no doce e tântrico absoluto de seu ego
Me dirá coisas algumas
Pode ser que Midas me veja e não me olhe
E pode ser um passo para o perdão
Não falarei com Midas, apenas me darei a ele
Na dobra de uma fala
Na reticência de um olá
Na maldição de uma Phoebe
Pode ser que, depois do décimo-primeiro dia,
Algo de Sileno em mim possa ser levado por um Midas
Já equidistante, à mesa de Baco
E pode ser que me reparta entre os cacos de sua memória
E me esquadrinhe por dentro
E me mova como os torrões da terra em que piso.
Tudo pode ser e pode ser não.
Midas de mim, Midas sem chão.
Amanhã, quando eu acordar de novo mulher
De novo pra sair
De novo pra prantear sonhos que não tive
Vou arrumar os cabelos
Pintar os cílios e a boca
Dizer pro espelho que mira pros meus seios:
Estou aqui.
Onde estará Midas?
Só que não.

ESCOLHA SEU BIGODE

Euclides Brasileiro da Cunha.
Euclides Rodrigues
Cantagalense da Cunha.
Euclides da Escrita Polida da Cunha.
Euclides Rodrigues Sertanejo da Gota.
Euclides de Todos os Cantos e Cunhas.
Euclides da Cunha Arauto da Nação.
Euclides Rodrigues da Memória
dos Povos da Floresta.
Euclides Moreno Tapuia
Celta Grego da Cunha.
Euclides Simplesmente.
Euclides.